
Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar

| | |
|---------|--|
| autores | Maria Helena Camara Bastos; Maria Teresa Santos Cunha; Ana Chrystina Venancio Mignot (orgs.) |
| cidade | Passo Fundo |
| editora | UPF |
| ano | 2002 |

Um livro começa a ser bom e instigante pelo título, diria um “marqueteiro”, e isso, nesse caso, é a pura verdade. Que letras são essas? *A B C*? E por que se preocupar se têm destino ou não? Letras, nesse livro, não são letras, são “carta, missiva, epístola” e o que elas contêm: letras. Que jogo interessante esse que as organizadoras encontraram para o título de um livro... Letras contêm letras e têm destinos e destinatários. Abramos o livro e olhemos de perto que cartas são essas.

[...] cartas que criaram laços e que guardam consigo os sinais de parte de um tempo, mostram formas próprias e singulares de um relacionamento social [...] cartas que compõem arquivos pessoais e institucionais [...] escritas a mão, datilografadas ou digitadas, pessoais, de cunho político ou comercial [...].

As cartas – mas se é correspondência tanto melhor – são um importante instrumento de trabalho, tanto para o historiador, quanto para os críticos de arte, literários ou musicais e aguçam, deliciosamente, o voyeurismo de leitores e leitoras aflitos para flagrar seus ídolos, seus gurus, ou mesmo aquele desconhecido em atos... puramente humanos.

Mozart escreveu cartas de amor – “Beijo-lhe as mãos, abraço-a de coração e serei sempre seu verdadeiro e sincero amigo...” (Pahlen, 1992, p. 8) – que revelam carinhos e segredos de amantes – “fidelíssimo até a morte stu-stu- Mozart”. Entre Schumann e Clara Wieck muita provação, separação, compreensão humana e artística: “con-

fessar-te, meu querido esposo, que jamais vivi dias tão formosos quantos esses últimos, e que sou certamente a mulher mais feliz da terra...” (Pahlen, 1992, p. 94).

Poetas escreveram cartas, Henriqueta a Mário, Drummond a Zila Mamede e Fernando Pessoa a Ophélia Queiroz: “Meu amorzinho, meu Bêbé querido... Adeus, meu anjinho bêbé. Cobre-te de beijos cheios de saudade o teu, sempre, sempre teu Fernando”, inspirando os versos que escreveria depois “Todas as cartas de amor são ridículas”¹.

E há, famosas, cartas de Freud². Atenção: todo psicanalista é antes de mais nada um ser humano. Em 1989, conheciam-se 4.899 cartas, das quais 3.123 publicadas e 1.776 até então inéditas. Calculou-se que Freud tenha escrito talvez 20 mil cartas. Não é pouco para quem teve uma vida pessoal bastante atribulada, com um importante e intenso trabalho intelectual de escritor e de clínico. Também mantinha um registro em um caderno dividido em duas colunas datadas: cartas recebidas e cartas enviadas e ainda com um resumo pequeno das mesmas. Nessas cartas encontra-se como que o *making of* da trajetória da disciplina e ajuda a desfazer mal-entendidos e suposições equivocadas. Observa-se a grande afinidade entre Freud e Fliess para a construção da *Interpretação dos sonhos*; entre o amor e o ódio com Jung. De particular interesse para a educação são as cartas entre Freud e o Pastor Pfister (1909-1939)³. Seja pelo aspecto da discussão sobre religião, seja pelo aspecto educacional propriamente dito, pois esse pastor suíço foi o primeiro a intuir que a psicanálise tinha muito a contribuir para a educação. *O futuro de uma ilusão*, que teve como troco *A ilusão de um futuro*, foi escrito sob a vibração dessa correspondência e é, ainda hoje, mesmo que digamos que a educação é laica, indispensável para a reflexão sobre o caráter sacro da educação e do exercício do magistério.

-
- 1 Kurt Pahlen, *Apassionata. Cartas de amor dos grandes músicos*, São Paulo, Melhoramentos, 1992. Fernando Pessoa, *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1983.
 - 2 Todos os dados e referências às cartas de Freud foram extraídas do texto de Renato Mezan, “As cartas de Freud”, em R. Mezan, *Interfaces da psicanálise*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, pp. 83-99.
 - 3 Sigmund Freud, *Correspondance avec le pasteur Pfister*, Paris, Gallimard, 1966. (Há uma tradução brasileira: Freud e Pfister, *Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, Viçosa, Ultimato, 1998).

No livro que resenhamos, são 12 os artigos, são 12 tipos de carta, são 13 autores, alguns deles europeus. Cartas são textos endereçados, isto é, *dirigidos a* e por isso sempre considerou-se o seu caráter privado e não devassável. No entanto, mais depressa que outras, as cartas foram consideradas fontes para a história (da educação y *compris*) mesmo quando sabidamente ficcionais. Durante muito tempo, escrever cartas era considerado uma arte (além, claro, de ser uma conquista, vide o filme *Central do Brasil*) e proliferavam manuais com fórmulas e equações considerando-se o perfil do(a) destinatário(a) e o objetivo que elas pudessem ter, prática cultural não totalmente superada tendo em vista os formulários que ainda vêm nos pacotes dos *softwares*. Sem ainda falar nos artigos desse livro, se se puder tomar todas as cartas como um conjunto de cartas, sua diversidade fascina: de homens/de mulheres; de famosos/de anônimos; de escritores/de professoras; laicas/religiosas; do século XVI/do século XX. Rol e, espectros de pessoas, de vidas, de modos de viver, como bem mostra o título do artigo de Cécile Dauphin e Danièle Poublan.

Visto assim de perfil, vejamos, agora, o livro em corpo inteiro.

- Abre o livro o historiador espanhol Antonio Castillo Gómez, professor titular de história da cultura escrita da Universidade Alcalá de Henares, com o texto “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. Sobre esse aspecto se debruça o autor, que nos traz grande quantidade de fontes e exemplos de manuais, formulários e estilos que acabaram por produzir tanto o caráter revelador quanto encobridor das cartas. Notável é sua generosa bibliografia: 83 títulos.
- O artigo de Marcos Cezar de Freitas, pesquisador e professor da história da educação, nos traz as cartas pastorais no sugestivo título “Por quem os sinos dobram?” (é inevitável lembrar a resposta: “eles dobram por ti”). Independente da boa qualidade do artigo por suas fontes, por sua montagem e por sua base teórica, destaco a explícita intenção de seu autor em tomar o assunto e suas fontes como “contribuição da história da educação à história das mentalidades”, um cruzamento mais que necessário.

- As pesquisadoras francesas Cécile Dauphin e Danièle Pouban, do Centre de Recherches Historiques da EHESS de Paris, participantes de primeira hora das pesquisas que deram origem à *histoire des femmes*, trabalham cartas familiares do século XIX. Embora não seja longo, mostra um caminho metodológico e escolhas que podem constituir a análise do pesquisador que tiver a sorte de encontrar um material assim e trabalhar nele.
- As “Cartas sobre a educação de Cora”, escritas em 1849 por José Lino Coutinho (médico) e tratadas nesse livro por Maria Helena Camara Bastos, pesquisadora e professora de história da educação, revelam a intenção da educação dos pais-homens de um futuro para suas filhas-mulheres, mas ocultam essa relação entre amantes-homens e amantes-mulheres. Ildelfonsa Laura César, mãe-natural(?) de Cora, instiga a mais saber.
- Nos anos de 1930, preocupava-se com a educação e educadores foram para a prisão, como foi o caso de Edgar Sussekind de Mendonça. Os pedaços de cartas trazidos pela pesquisadora e professora Ana Chrystina Venancio Mignot, permitem, de maneira sensível, traçar o perfil desse professor, diretor de escolas, escritor, tradutor e editor, mas também daqueles que com ele conviveram, que criaram estratégias de convivência. Mais uma vez, há uma mulher, sua esposa, a educadora Armanda Álvaro Alberto, de quem ainda há muito o que se falar, como o fez a própria autora do artigo em recente Congresso Brasileiro de História da Educação (Natal, 2002).
- De uma pesquisadora da Universidade de Gênova, Augusta Molinari, nos chegam os fragmentos e a análise da correspondência que em 1920 foi estabelecida entre os operários de um grande complexo naval e o “patrão”. Foi através dela que se traçou a história da fábrica do ponto de vista da cultura operária.
- Francisca Izabel Pereira Maciel, pesquisadora e professora da UFMG, analisa as cartas enviadas – “Cartas Pedagógicas: fragmentos de um discurso” – à formadora de inúmeras gerações de alfabetizadoras, Lúcia Casasanta. Nessas cartas aparecem a saudade – Ah! Que saudades eu tenho da escola da minha vida... – das aulas, das experiências compartilhadas e as dúvidas *angústias pedagógicas vivenciadas pelas professoras*, além de vários pedidos de orientação: *peço-lhe que me orien-*

te. Podemos pensar se essas cartas são pedagógicas, mas sem dúvida há nelas um apelo.

- Quem acha que a troca de cartas é coisa do século XIX, verá que essa prática começou muitos séculos antes e estende-se até finais do século XX (quiza hoje). O texto da pesquisadora Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, com bases teóricas sobretudo em Bakhtin, estuda cartas de duas escolares – Escreva-me urgente... – com o objetivo de mostrar a carta como objeto cultural ao lado da escrita e da leitura, estudo esse capaz de dar pistas sobre a constituição do sujeito que escreve.
- Também do século XX, o acervo obtido pela professora e pesquisadora Maria Teresa Santos Cunha é composto por 171 cartas trocadas entre duas jovens professoras entre 1967 e 1968. “Nessas cartas, as autoras, através de um pacto epistolar explícito, compartilham segredos, aconselham-se mutuamente e, principalmente, trocam experiências sobre seus cotidianos de professoras primárias, revelando pela escrita, um capital de vivências da época.” Para quem viu, ouviu ou ouviu falar de coisas contadas e comentadas nas cartas, reviver esse capital de vivências da época é delicioso. É a lembrança delas pescando a nossa lembrança...
- A correspondência de Oliveira Viana é analisada por Giselle Martins Venancio, doutoranda na época em que escreveu o artigo. Os intelectuais deixaram em meio aos seus guardados as cartas que receberam e também, muitas vezes, cópias das que escreveram e é esse acervo tomado pela autora que vai nos mostrar como as cartas foram uma “estratégia de organização e de desenvolvimento de suas relações de sociabilidade”; é um tipo de correspondência, com editores e outros intelectuais, que evidencia sua relação com o mundo. Consta ainda no artigo o “tráfego” de livros entre os escritores e os admiradores em um quadro bem montado, que nos mostra o valor desse utensílio metodológico, infelizmente um pouco em desuso.
- Uma parte do imenso acervo da correspondência passiva de Mário de Andrade foi enfrentado por Marilda Ionta, do departamento de história da Universidade de Viçosa. Trata-se das cartas de Anita Malfatti. Através das cartas a autora do artigo vai nos revelando traços de personalidade de um e outro, o

lugar social que se atribuíam e ainda o entendimento da grande amizade entre os missivistas.

- É ainda o tema da amizade que volta na menção às cartas entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Jane Fadel Gracioso, da Universidade de Maringá, ficcionaliza um balanço da literatura infantil brasileira e do projeto literário que os unia. A Barca de Gleyre tomou mais uma passageira que uniu pontos em torno da literatura e os oferece em forma também de literatura, ou de uma ficção.

As cartas sempre exerceram enorme fascínio sobre mim. Que pobre é a história... onde estarão as cartas de ódio? Onde estarão as cartas dos amantes abandonados, dos filhos que foram rejeitados ou dos filhos perdidos, as que não foram enviadas (*obterei resposta?*). E há aquelas que não foram abertas, que é a coisa mais triste do mundo. Cartas fechadas, postas de lado, com um destinatário surdo ao remetente, ou morto.

É claro que uma resenha ou é muito menos ou muito mais do que um livro. Nunca é o livro. Por isso mesmo, sempre pretende ser um convite a que se leia o livro. Não desapontem a resenhista, vocês é que sairão lucrando.

P.S. Uso esse artifício permitido às cartas para fazer notar duas coisas: ficou muito interessante o tipo de fontes usadas na transcrição das cartas. Na impossibilidade de se ter uma transcrição fac-similar, a fonte utilizada dá a idéia de aconchego, digamos assim. Ainda uma observação aos possíveis leitores: relevem os erros (não muitos, mas bastante) de impressão, digitação etc. É que fazer livro não acaba nunca, muito embora quem faz, às vezes, seja obrigado a pôr um ponto final.

Eliane Marta Teixeira Lopes
Doutora em Educação, escritora e psicanalista